



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS
COORDENAÇÃO DE LETRAS DO CURSO DE LETRAS PORTUGUÊS E
LITERATURA DE LÍNGUA PORTUGUESA**



**ENTRE O DITO E O NÃO DITO: UMA ANÁLISE DISCURSIVA E LITERÁRIA
DA PERSONAGEM HELENA DE MACHADO DE ASSIS**

LUMA MARIA ROCHA RAMOS

PICOS-PI

2024

LUMA MARIA ROCHA RAMOS

**ENTRE O DITO E O NÃO DITO: UMA ANÁLISE DISCURSIVA E LITERÁRIA
DA PERSONAGEM HELENA DE MACHADO DE ASSIS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de licenciatura em Letras Português e Literatura de Língua Portuguesa da Universidade Federal do Piauí, do Campos Senador Helvídio Nunes de Barros, como requisito para conclusão do curso de Letras, sob orientação da Professora Dra. Ludmila Santos Andrade.

PICOS-PI

2024

FICHA CATALOGRÁFICA
Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí
Biblioteca José Albano de Macêdo

R175e Ramos, Luma Maria Rocha.

Entre o dito e o não dito: uma análise discursiva e literária da personagem Helena de Machado de Assis / Luma Maria Rocha Ramos – 2025.
28 f.

1 Arquivo em PDF.

Indexado no catálogo *online* da biblioteca José Albano de Macêdo-CSHNB
Aberto a pesquisadores, com restrições da Biblioteca.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal do Piauí, Curso de Licenciatura em Letras, Picos, 2025.
“Orientador (a): Dra. Ludmila Santos Andrade.”.

1. Literatura brasileira-Machado de Assis. 2. Análise do discurso. 3. Análise de literatura. I. Ramos, Luma Maria Rocha. II. Andrade, Ludmila Santos. III. Título.

CDD 869.9

Elaborada por Maria Letícia Cristina Alcântara Gomes
Bibliotecária CRB nº 03/1835



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS
COORDENAÇÃO DO CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS
Rua Cícero Duarte Nº 905. Bairro Junco CEP 64600-000 - Picos- Piauí
Fone: (89) 3422 2032

ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos **dezesseis** dias do mês de **janeiro** do ano de **dois mil e vinte e cinco**, a partir das **nove** horas, via *Google Meet*, realizou-se a sessão pública de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso da estudante **Luma Maria Rocha Ramos** com artigo intitulado: “**Entre o dito e o não dito: uma análise discursiva e literária da personagem Helena de Machado de Assis**”. Os trabalhos foram instalados pela orientadora, **Profa. Dra. Ludmila Santos Andrade** (Presidente da banca/UFPI), com a participação dos demais membros da banca examinadora: **Profa. Dr. Luiz Egito de Souza Barros** (Primeiro avaliador/UFPI), **Prof. Me. Francisco Carlos Vieira Moura de Araújo** (Segundo avaliador/UFPI). Durante a arguição foram registradas as seguintes ocorrências: a presidente da banca apresentou os avaliadores e a estudante que procedeu a apresentação do artigo, a seguir a banca avaliadora realizou questionamentos e sugestões para revisão. A banca examinadora reuniu-se em sessão secreta a fim de concluir o julgamento do artigo tendo sido a candidata **Aprovada** pelos seus membros. As seguintes notas foram atribuídas: **10,0 (dez); 10,0 (dez) e 10,0 (dez)**. Apuradas as notas verificou-se que a aluna foi aprovada com média geral **10,0 (dez)**. Proclamados os resultados pela **Profa. Dra. Ludmila Santos Andrade**, presidente da banca examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar, lavrou-se a presente ata que é assinada pelos membros da banca examinadora, aos **dezesseis** dias do mês de **janeiro** do ano de **dois mil e vinte e cinco**.

Picos, 16 de janeiro de 2025.

Assinaturas dos membros da Banca Examinadora:

Presidente da banca Profa. Dra. Ludmila Santos Andrade

1ª Examinador Prof. Dr. Luiz Egito de Souza Barros

2ª Examinador Prof. Me. Francisco Carlos Vieira Moura de Araújo

ENTRE O DITO E O NÃO DITO: UMA ANÁLISE DISCURSIVA E LITERÁRIA DA PERSONAGEM HELENA DE MACHADO DE ASSIS

Luma Maria Rocha Ramos¹

Ludmila Santos Andrade²

RESUMO: O discurso não é uma unidade homogênea, restrita à sua materialidade linguística, ao contrário, reflete a sociedade, o outro e as condições histórico-ideológicas consoantes a sua produção e posterior recepção. Nesse viés, a compreensão de um discurso e a apreensão de seu sentido devem ser realizadas em consideração à natureza heterogênea, polifônica e dialógica intrínseca às práticas discursivas. Frente a isso, o discurso literário, antes configurado em sua imanência, revela também uma interface com aspectos que possuem a sua existência socialmente alocada. Uma vez explicitada a congruência linguística e histórica manifestada na entidade discursiva, depreende-se que o discurso se constitui ora de ditos, ora de não ditos, em referência às lacunas correspondentes às vozes que, polifônica e dialogicamente, são interpostas. Sendo assim, estabelecendo um diálogo entre Análise do Discurso e Literatura, pretendeu-se analisar a interface entre o dito e o não dito presente no discurso da protagonista *Helena* de Machado de Assis. O trabalho indaga como o narrador faz uso de estratégias discursivas no sentido de preservar, no não dito, as vozes heterogêneas que estão conjugadas à fala da protagonista. Apresenta como objetivo geral a análise das estratégias discursivas utilizadas pelo narrador a fim de omitir as vozes heterogêneas que ressoam na fala da personagem Helena. Desse modo, foi necessário caracterizar as principais categorias da Análise do Discurso que corroboram com o jogo narrativo, descrever a formação discursiva e ideológica apontando o que está linguisticamente manifesto e o que é dissimulado no discurso da protagonista, reconhecendo as dimensões polifônica e dialógica dos dizeres e modos da mesma. A metodologia utilizada é de caráter bibliográfico, apoiando-se em uma revisão da literatura, de abordagem qualitativa, descritiva-interpretativa. O aporte teórico tem como embasamento teórico autores da Análise do Discurso, como Bakhtin (2000); Brait (2005); Brandão (2004); De Sá (2005) e Pêcheux (1997). Mediante a análise e discussão do dito e do não dito relativos ao discurso da protagonista, constatamos que a entidade discursiva não pode ser determinada somente pela sua materialidade linguística, pois esta também é influenciada pela prospecção de vozes advindas da dimensão social, histórica e ideológica em que os sujeitos discursivos estão situados.

Palavras-chave: Análise do Discurso; Discurso; Helena; Dito; Não Dito.

INTRODUÇÃO

Ao se abordar o discurso, é necessário depreender que esta entidade não se limita a sua dimensão estritamente linguística, mas possui, especialmente, uma natureza social, a qual é governada pelas condições histórico-ideológicas de produção e de recepção. Por isso, a tentativa de analisar um discurso implica considerar aspectos provenientes do social, haja vista que o discurso é um construto concomitante de elementos intra e extralinguísticos. Do mesmo modo, o discurso literário alude a aspectos que escapam da materialidade linguística, sendo projetado em esferas sociais e ideológicas. Nesse sentido, a Análise do Discurso, doravante AD, surge

¹ Graduanda do curso de Letras Português na Universidade Federal do Piauí, Campus Senador Helvídio Nunes de Barros. E-mail: lummaria1820@gmail.com.

² Doutora em Letras e Linguística da Universidade Federal de Goiás. Professora Adjunta na Coordenação de Letras da Universidade Federal do Piauí no Campus Senador Helvídio Nunes de Barros em Picos, Piauí. E-mail: ludmila.andrade@ufpi.edu.br.

como disciplina que busca compreender este liame entre o objeto discursivo e suas condições exteriores à língua.

Neste estudo, ao focalizar a categoria discurso que é abordada de forma primordial pela AD, buscamos promover uma análise discursiva, como também de cunho literário, posto que o nosso objeto de estudo é a personagem machadiana *Helena*, protagonista do romance intitulado com o mesmo nome. Isto posto, analisaremos as dimensões do dito e do não dito contidas no discurso formulado e entoado pela personagem, no sentido de identificar as nuances discursivas entre a explicitude e implicitude linguística, uma vez que os discursos apresentam a sua materialidade linguística repleta de não ditos, os quais, comumente, advêm de implicações, que excedem o que está linguisticamente proposto ou dito, pois “O texto é um objeto linguístico-histórico. Ele é não apenas um conjunto de enunciados portadores de uma ou até mesmo várias significações; é antes um processo de múltiplas formas em determinadas situações sociais” (Fiala e Ridoux, 1973 *apud* Orlandi, 2015, p. 25). Logo, o texto ou o discurso vai além do que é dito pelas palavras que o constituem, portanto é, sobretudo, uma intermitência de não ditos, que estão ideológica, social e historicamente situados.

Ante a compreensão de que a tessitura discursiva possui elementos que ultrapassam o limite da esfera linguística, carregando muitos não ditos que se referem às vozes imbricadas no discurso de forma heterogênea, propusemos-nos a analisar o discurso heterogeneamente constituído da personagem *Helena* e indagamos: como o narrador fez uso das estratégias discursivas procedendo no sentido de preservar no não dito as vozes que estão conjugadas à fala da protagonista?

Sendo assim, esta pesquisa tem como objetivo geral analisar as estratégias discursivas utilizadas pelo narrador machadiano, a fim de omitir as vozes heterogêneas que ressoam na fala da personagem Helena. Uma vez atendido o objetivo central, pomo-nos de modo específico a caracterizar as principais categorias da AD, por meio das quais o jogo narrativo do dito e do não dito desenhado na obra é corroborado; outrossim, intuiu-se descrever em que medida a formação discursiva e ideológica sob a qual Helena se faz subserviente influenciou na confluência entre o que está linguisticamente manifesto e o que é dissimulado nas entrelinhas do discurso da protagonista, bem como buscou-se reconhecer a dimensão polifônica e dialógica dos dizeres e modos de Helena, os quais concedem na trama um caráter de incompletude ao discurso da personagem.

A investigação deste estudo foi realizada por meio da metodologia de caráter bibliográfico, que é conduzida mediante a revisão da literatura inerente à pesquisa de abordagem qualitativa, com enfoque no *corpus* referente à entidade discursiva da personagem

da obra *Helena*, protagonista da obra de autoria de Machado de Assis, como também, fazendo uma análise descritiva-interpretativa da nuance desenhada entre o dito e não dito que incidem no discurso da personagem. Para tanto, recorreu-se durante o processo de pesquisa a autores que investigam o discurso, sob a luz dos conceitos produzidos pela Análise do Discurso, dentre os quais estão Bakhtin (2000); Brait (2005); Brandão (2004); De Sá (2005), Pêcheux (1997) e Todorov (1981).

O estudo recorreu à teorias da Análise do Discurso para analisar o discurso assumido pela personagem Helena. Através desta pesquisa descrevemos como a entidade discursiva se apresenta na obra e observamos que, apesar de se encontrar em um estágio inicial, o presente estudo pode ser importante para a realização de estudos mais avançados que envolvem a área da Análise do Discurso e a Literatura, visto que nesta pesquisa convergem as teorias da AD para a investigação em torno das práticas discursivas que Machado de Assis formulou para dar origem à protagonista de seu romance.

Este estudo se justifica como relevante, porque tem o intuito de apresentar o discurso literário fazendo a utilização das teorias e categorias da AD, objetivando esmiuçar as estratégias discursivas que promulgam a essência heterogênea do objeto discursivo e identificar o caráter polifônico e dialógico que culmina na incompletude refletida na materialidade do discurso, o que se deve à formação discursiva e ideológica sob as quais o discurso se faz subserviente, numa intersecção entre dito e não dito.

1.LITERATURA E ANÁLISE DO DISCURSO: UM DIÁLOGO POSSÍVEL

Primitivamente, a obra de arte era entendida e analisada como um objeto artístico que possuía um fim em si mesma, isto é, a sua finalidade era exclusivamente estética e, em última análise, respaldava-se a instância da produção em detrimento da recepção que esta obra produzia. Por conseguinte, estabelecer um diálogo entre os estudos literários e a Análise do Discurso era uma tarefa considerada quase impossível.

De acordo com Gama-Khali (2022), esta condição resultava dos pressupostos estruturalistas, os quais concebiam a obra literária a partir de sua imanência, desprezando, pois, o fato de que a interpretação de uma obra também advém dos processos de produção e recepção a ela intrínsecos. Todavia, no século XIX, surgem análises literárias que focalizam as interpretações privilegiando tanto a figura do autor, responsável pela dimensão da produção, como também a recepção que a produção artística operava no leitor.

Nesse ínterim, no início do século XX, reclama-se novamente o caráter imanente do objeto literário, isto através da negação de que o percurso interpretativo de um texto deve seguir

as proposições de seu autor. Porém, como todo excesso aponta uma falta, a busca constante pela imanência do elemento artístico o fez perder sua historicidade e pluralidade interpretativa (Gama-Khali, 2022). Isso culminou, ainda neste século, com o surgimento de outras correntes críticas, dentre as quais despontou a estética da recepção, que teve como principal proponente Wolfgang Iser (1996), com sua defesa em nome de uma abordagem interpretativa que considerasse a participação ativa do receptor, bem como a posição sócio-histórica em que a obra estivesse inserida.

Ademais, concedendo um tratamento sociológico à obra de arte, ganham destaque os estudos do teórico russo Mikhail Bakhtin (2000), o qual se coloca contrário à imanência interpretativa e situa a obra sob a visão de que esta deve ser compreendida levando em consideração os aspectos histórico-culturais que a compõem. Nas palavras do próprio Bakhtin (2000, p.362), a análise e interpretação da Literatura “[...] deve estreitar seu vínculo com a história da cultura [...] é uma parte inalienável da cultura, sendo impossível compreendê-la fora do contexto global da cultura numa época.”

Tendo isso em vista, e tomando como base a pesquisa produzida por Gama-Khali (2022), a partir do diálogo com as teorias de Bakhtin (2016), Iser (1996), Gregolin (2003), torna-se possível estabelecer a interface entre a Literatura e Análise do Discurso, como é a proposta deste trabalho.

Este diálogo é percebido na identificação existente entre os postulados de Iser — teórico da estética da recepção — e os conceitos bakhtinianos, pois Bakhtin (2016) prevê o locutor e o receptor como participantes mutuamente alocados durante o fenômeno linguístico da interação verbal. Já, Iser (1996), por seu turno, também projeta o texto literário como um ambiente comunicativo no qual cooperam igualmente a figura do autor e do leitor.

Assim, a ideia bakhtiniana faz referência ao fato de que todo e qualquer discurso alude a um outro discurso anteriormente produzido, estabelecendo, assim, uma relação de diálogo entre os textos. Enquanto as ideias de Iser (1996, p. 34) dizem respeito à assertiva de que “o sentido não é mais algo a ser explicado, mas sim um efeito a ser experimentado”, concebendo, dessa forma, o texto como um manancial de efeitos possíveis que se atualizam a cada leitura. Logo, os dois autores configuram a leitura como uma atividade interacional, a qual preconiza a participação ativa dos sujeitos envolvidos no processo de comunicação.

Esta confluência entre a Análise do Discurso e Literatura constitui, pois, uma relação que pretendemos esmiuçar durante o estudo do discurso da personagem machadiana Helena, uma vez que a representação desta na obra corresponde ao *corpus* literário desta pesquisa, o qual suscita investigações que possibilitem discorrer acerca do caráter polifônico e dialógico dos

dizeres e ações da protagonista, aspectos estes que podem ser verificados e respondidos no bojo das teorias fornecidas pela Análise do Discurso.

1.1 CATEGORIAS DA ANÁLISE DO DISCURSO QUE ELUCIDAM O DITO E O NÃO DITO PRESENTES NO TECIDO DISCURSIVO DA NARRATIVA

A priori, o discurso, enquanto objeto de estudo da Análise do Discurso, é por esta disciplina postulado não como língua, texto, ou fala, mas como entidade que contempla, de modo simultâneo, uma dimensão de natureza linguística e uma outra de ordem social, das quais provém a sua materialidade.

Sobre isso, De Sá (2005, p. 12) afirma que o “discurso implica uma exterioridade à língua, encontra-se no social e envolve questões de natureza não estritamente linguística”. Por esse ângulo, o discurso não é uma estrutura fechada em si mesma e nem é de domínio exclusivo daquele que o profere, isto porque aquilo que se diz não apresenta sua significação limitada ao dito, mas coloca em voga o lugar social de quem diz, do qual se diz, para quem se dirige e também a relação que mantém com outros discursos.

Nesse sentido, o discurso está revestido de questões relativas a aspectos linguísticos e extralinguísticos. Assim, ao ser formulado, focaliza a natureza estrutural e social da língua, sendo, portanto, sócio-histórico e ideologicamente condicionado. Diante desse pressuposto, De Sá (2005, p. 13) atesta que “para falarmos em discurso, precisamos considerar os elementos que têm existência no social, as ideologias, a História”.

Por conseguinte, como parte integrante do discurso está a noção de sentido, o qual também revela aspectos sociais intrínsecos ao discurso, posto que aquilo que é considerado como histórico e ideologicamente constituído emana dos sentidos que os sujeitos discursivos atribuem ao seu discurso (De Sá, 2005). Sob essa perspectiva, os sentidos são produzidos face aos lugares ocupados pelos sujeitos em interlocução. Assim, uma mesma palavra pode ter diferentes sentidos em conformidade com o lugar socioideológico daqueles que a empregam.

Uma vez que os sujeitos discursivos se encontram circunscritos e limitados a determinados espaços socialmente situados do seu discurso, seja explícita ou implicitamente, ecoam sentidos cuja existência está focalizada na exterioridade da dimensão linguística, como preconiza o próprio Pêcheux (1997, p. 190) ao afirmar que:

[...] o sentido de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição etc., não existe “em si mesmo” [...] mas, ao contrário, é determinado pelas posições

ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas.

Em vista disso, a categoria **discurso** e, análoga a esta, o **sentido** implicam as condições histórico-sociais de produção sob as quais o sujeito está imerso. Afinal, este reflete uma determinada posição socioideológica, em detrimento de outra, sendo em contemplação à primeira que sua enunciação é formulada, isto porque as condições de produção do discurso estão localizadas no seio da vida social de seu interlocutor. Logo, faz-se primordial ir além do especificamente linguístico para adentrar na exterioridade que compreende o discurso socialmente organizado. Isto considerado, em síntese, para a autora a seguir:

Trata-se, nesse contexto, de compreender a singularidade da existência do enunciado, suas condições de produção. [...] busca-se verificar, a partir de enunciados efetivamente produzidos em determinada época e lugar, as condições de possibilidade do discurso que esses enunciados integram. Isto equivale a dizer que as transformações históricas possibilitam-nos a compreensão da produção dos discursos, seu aparecimento em determinados momentos e sua dispersão. (De Sá, 2005, p.17)

Seguindo este viés, é a configuração histórica-social e ideológica sob a qual os sujeitos estão inscritos que demarca os discursos e os sentidos que podem ou não ser veiculados e apreendidos destes. Diante disto, pretende-se nesta pesquisa analisar as categorias discurso e sentido, através da confluência existente entre os aspectos sociais, históricos e ideológicos na produção do discurso e do sentido dele derivado. Para tanto, torna-se impreterível relacionar essas duas categoria da AD aos conceitos de Formação Discursiva e Formação Ideológica, já que ambos integram e se impõem sobre os sentidos advindos do discurso da protagonista.

2. INFLUÊNCIA DA FORMAÇÃO DISCURSIVA E IDEOLÓGICA NA FORMULAÇÃO DOS DISCURSOS E SENTIDOS A ELES ANÁLOGOS

Consoante às posições socioideológicas ocupadas pelos personagens do romance urbano machadiano *Helena* e os discursos provenientes destas, é imprescindível trazer à tona duas definições: a de Formação Discursiva (leia-se FD) e a de Formação Ideológica (FI).

Pêcheux & Fuchs (1997, p. 160) traduzem a formação ideológica como um “conjunto complexo de atividades e de representações que não são nem “individuais” nem “universais”, mas se relacionam mais ou menos diretamente às posições de classes em conflito umas com as outras.”

Em concordância com as posições sociais assumidas pelos sujeitos é que os sentidos do discurso são manifestados e por isso, os aspectos de caráter ideológico e político inerentes ao discurso manifestam-se de modo semanticamente relevante na concepção do sentido, uma vez que estes aludem, durante a interação dos sujeitos discursivos, o lugar histórico-social sob o qual o discurso é governado. Destarte, segundo Brandão (2004, p. 47):

[...] a formação ideológica tem necessariamente como um de seus componentes uma ou várias formações discursivas interligadas. Isso significa que os discursos são governados por formações ideológicas. São as formações discursivas que, em uma formação ideológica específica e levando em conta uma relação de classe, determinam "o que pode e deve ser dito" a partir de uma posição dada em uma conjuntura dada.

Em relação à FI identificada na narrativa, o autor do romance configura uma representação do sexo masculino vinculando o homem ao exercício de papéis de domínio social, político, administrativo e, sobretudo, familiar. Tal perspectiva dialoga com o status social machista e patriarcal predominante no século XIX e meados do XX. A figura de Camargo, por exemplo, é descrita como rígida, fria, egoísta e incapaz de chorar diante da morte do seu melhor amigo, conselheiro Vale. Até o sentimento máximo nutrido por Camargo, que corresponde ao amor paterno por sua filha Eugênia, é relatado de forma inexpressiva, pois a demonstração deduziria fraqueza ou traço de feminilidade em uma época em que as marcas culturais do patriarcado tudo dominavam e regiam.

Helena, como mulher, é representada na narrativa sob a definição de fragilidade e de figura que carece da proteção masculina, esta dada em primeiro momento pelo pai e depois por um outro homem para o qual é objeto de satisfação de desejo. Na sociedade da época e, por conseguinte, na narrativa, as mulheres estavam restritas à vida doméstica e não tinham nenhuma possibilidade de autonomia e de exercício de qualquer outra potencialidade que não fosse ser filha, esposa, dona de casa e mãe.

Desse modo, Helena e todas as outras personagens do mesmo sexo ocupam formações ideológicas que as categorizam mediante o desempenho de funções socialmente aceitáveis quando se trata da figura feminina, como se percebe no trecho em que algumas características da personagem são descritas:

Além das qualidades naturais, possuía Helena algumas prendas de sociedade, que a tornavam aceita a todos, e mudaram em parte o teor da vida da família. Não falo da maravilhosa voz de contralto, nem da correção com que sabia usar dela, porque ainda então, estando fresca a memória do conselheiro, não tivera oportunidade de fazer-se ouvir. Era pianista distinta, sabia desenho, falava corretamente a língua francesa, um pouco a inglesa e a italiana. **Entendia de**

costura e bordado e toda sorte de trabalhos femininos. Conversava com graça e lia admiravelmente. (Assis, 2018. p. 69-70, grifos nossos)

No que tange a FD, esta se refere aos discursos passíveis de serem proferidos em determinada época e espaço social, àqueles que são ratificados diante das condições de produção sócio e ideologicamente específicas e que foram historicamente definidas. Trata-se de considerar quais possibilidades de enunciação são condizentes com um lugar de aparição específico e com o jogo de relações a este inerentes. Em linhas gerais, a formação discursiva preconiza que cada dizer está atrelado de modo peculiar a uma época e um lugar determinados.

Portanto, sob a perspectiva de Foucault (1995), os enunciados, assim como os discursos, são unidades que obedecem a uma certa regularidade a depender da singularidade e do jogo de relações intrínsecas à situação discursiva na qual estão inseridos. Esta é incumbida de delimitar as condições de existência de tais enunciados, fixando seus limites e estabelecendo correlações com outros enunciados ou atestando com quais outras formas de enunciação não se vinculam. Consoante a isso,

No caso em que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações), diremos, por convenção, que se trata de uma formação discursiva (Foucault, 1995, p. 43)

Nesse sentido, os discursos estabelecidos pelos personagens da narrativa obedecem à funcionalidade das construções sociais e das formações ideológicas ocupadas pelos sujeitos. Em um contexto essencialmente patriarcal, às mulheres cabem a passividade e o silêncio diante daquilo que é determinado pelo homem. Durante os diálogos, se omitem de fornecer o seu posicionamento, e, quando falam, o fazem cuidadosamente, de forma a não questionar as deliberações masculinas. O discurso feminino é carregado de omissão e ressignificação, como atesta o próprio autor:

As mulheres que são apenas mulheres, choram, arrufam-se ou resignam-se; as que têm alguma coisa mais do que a debilidade feminina, lutam ou recolhem-se à dignidade do silêncio. Aquela padecia, é certo, mas a elevação de sua alma não lhe permitia outra coisa mais do que um procedimento altivo e calado. (Assis, 2018, p. 57)

O referido trecho deixa claro o pensamento vigente sobre o papel da mulher na sociedade e os estereótipos construídos e instituídos socialmente sobre o “ser mulher” naquele momento histórico, cultural e social, pondo-as no lugar principalmente do não dito, pois quando

o narrador descreve-as a partir da luta e dignidade do silêncio, do choro e da resignação ele aponta o que a sociedade daquele momento esperava das mulheres em geral, uma debilidade e submissão que reforçasse o domínio masculino sobre os quereres, dizeres e deveres femininos, como é possível notar em alguns episódios da narrativa que participam da construção discursiva da personagem como será explicitado na próxima seção.

2.1 CONSTRUÇÃO DISCURSIVA DA PERSONAGEM HELENA

A personagem machadiana Helena está situada em um contexto histórico-cultural no qual o patriarcalismo e capitalização de bens representam aspectos constituidores da narrativa. Nesse ínterim, recorrendo-se ao conceito de dialogismo de Bakhtin, este que, segundo Brait (2005), analisa o discurso evocando a sua dimensão sócio-histórica-ideológica, pode-se afirmar que dialogicamente a obra de Machado de Assis reflete elementos patriarcais oriundos da sociedade brasileira do século XIX. Em Helena, as marcas do patriarcalismo se materializam sob a forma das atribuições femininas, como:

[...] adornar uma sala com um beleza cativante, ou fazer serviços delicados como bordados, ou brilhar numa valsa, ou ao piano, ou no comando dos serviços do lar e de casamentos perenes, são a forma velada da violência psíquica que aflora de um sistema muito conhecido e comentado, qual seja, o patriarcalismo. (Silva, Santana, Melo, 2022, p. 8)

Na narrativa, em decorrência das atitudes dos personagens do gênero masculino que lhe cercam e dominam, Helena sofre com a transgressão do seu protagonismo diante da sua própria história. Isso é exercido em primeiro lugar pelo pai, o Conselheiro Vale, que por esconder durante muito tempo da sua família um caso extraconjugal, oculta também a verdadeira história de Helena, fazendo com que a personagem assuma uma posição de filha legítima contrária ao que ela realmente é.

Estácio, por sua vez, como meio-irmão mais velho que nutre uma paixão secreta pela personagem Helena, enxergando-a como indivíduo frágil e inferior, a qual inspira cuidados e proteção, advindos dele que assume o papel de homem e chefe da família. Todos esses “esteriótipos” sociais não permitem ou fazem com que Estácio queira/possa vislumbrar em Helena a inteligência e perspicácia que lhes são próprias. Seguindo os padrões ficcionais oitocentistas, o autor desenha Helena sob a condição de mulher-anjo com suas delegações inerentes e estas uma vez contrariadas pela personagem, caracterizam-na sob o jugo de mulher-demônio:

[...] a ficção do oitocentos explorou em suas tramas, quase como de maneira

obrigatória, as temáticas relacionadas à maternidade, ao casamento e à inferioridade feminina. Desse modo, os romancistas contribuíram para a configuração de uma personagem feminina que correspondesse a um determinado padrão definido pela ordem social daquela época: frágil, sensível, esposa, mãe, categorizando a mulher-anjo; e toda conduta contrária a esses aspectos, categorizava a mulher-demônio (Coelho e Queiroz, 2019, p.145-146)

Ademais, também participam do processo de redução de Helena de mulher-sujeito à mulher-objeto, a figura do Padre Melchior, o qual se vale do papel de homem, padre e conselheiro da família para manipular a todos na condução de seus atos, de modo que o que ficou determinado pelo Conselheiro Vale se cumpra. O pai biológico de Helena, Salvador, também anula a história pessoal precedente da filha, pois, apesar de não submeter Helena à interrogações quanto à escolha paterna, não a deixa livre de sua presença biologicamente paterna e muito menos do passado verdadeiro de Helena representado através de sua figura.

Mendonça, amigo de Estácio, ao colocar-se como pretendente da moça, também não está isento da inviabilização direcionada à vida pregressa de Helena. Dr. Camargo, da mesma forma que os demais, e mais ainda por enxergar na fortuna do Conselheiro uma possibilidade de ascensão, também ajuda matar Helena, pois como afirma Silva, Santana e Melo (2022, p. 12) “Machado de Assis quer mostrar que o mecanismo patriarcal não é cuidador, que não é bonzinho, que não é generoso, que não é bonito. Não é digno de perdão, mas mata”.

Helena, semelhante a todas as outras mulheres do enredo, ao serem objetificadas pelo patriarcado em que estão submetidas operam formas de resistência buscando preservar suas existências. No caso específico da protagonista, ela escolhe morrer a ter todos os seus segredos revelados, e esta se traduz como sua forma mais genuína de resistência e de denúncia das ações mortais que o patriarcalismo produziu em sua existência. Todavia, apesar de se iludir do contrário, Helena nunca fora condutora dos fatos, pois sempre esteve à mercê das articulações e exigências que o sistema patriarcal lhe imputou:

Um dos bons exemplos do poder patriarcal no romance é a relação de Estácio com Helena, quando esta Helena entra para a família Vale. Além de ser uma moça com uma boa educação, com um enorme talento musical e com uma grande articulação, tais capacidades são vistas socialmente como meras “prendas”. Para ser aceita em sua nova família Helena precisou mostrar suas “virtudes” morais que estavam diretamente ligadas à estrutura de poder que atribuem papéis definidos e rígidos para as mulheres.(Silva, Santana, Melo, 2022, p. 18)

Neste âmago de discussões, durante o enredo, ficou patente o uso de estratégias

discursivas por parte do narrador machadiano, seguindo a finalidade de estabelecer um jogo narrativo entre o dito e o não dito incidido sobre o discurso da protagonista Helena, presente no romance de mesmo nome, de autoria de Machado de Assis. Em vista dessa estratégia, à luz de alguns conceitos oriundos da AD, a análise do *corpus* desta pesquisa identificou nos modos e dizeres de Helena o não dito manifestado através do dito, o que concede um caráter de incompletude à narrativa, o qual só é desvelado ao final da trama.

O discurso e seu consequente sentido se constituem numa relação que privilegia o manifesto e o não manifesto, isto é, o dito e o não dito. Sob tal perspectiva, “entendendo que o processo de construção de identidade é estruturado nas relações sociais, nas quais o dito e o não dito estão sempre em pauta, relevante se faz estudar as diversas representações daí advindas” (Santos, 2011, p. 289). Logo, analisamos em *Helena* (2018) os mecanismos discursivos de que se valem o narrador para ora omitir, ora revelar as vozes heterogêneas que ressoam nas falas e modos da personagem.

3 METODOLOGIA

Esta pesquisa integra a área da Linguística e subárea da Análise do Discurso e encontra sua motivação pela necessidade de se investigar como as categorias discursivas atuam diante do jogo do dito e não dito intrínseco ao discurso dos sujeitos discursivos. Especificamente neste estudo, o discurso em análise é proveniente de um objeto literário, que é a personagem machadiana Helena. A fim de atender tal objetivo, escolhemos, portanto, o eixo de abordagem qualitativo, posto que ao promovermos uma análise discursiva e literária da narrativa em foco, não buscamos quantificar os resultados obtidos, pois, afinal, diante da perspectiva de Minayo (2001, p.14), “a pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos a operacionalização de variáveis.”

No que tange à natureza do estudo, trata-se de uma pesquisa básica, cuja sua principal função é “[...]gerar conhecimentos novos, úteis para o avanço da Ciência, sem aplicação prática prevista. Envolve verdades e interesses universais.” (Gerhardt, Silveira, 2009, p. 34). Desse modo, pretendemos fornecer novos conhecimentos acerca das estratégias discursivas que ora omitem, ora revelam as vozes heterogêneas dos sujeitos discursivos e, por conseguinte, expandi-los não somente de modo restrito ao ambiente acadêmico da Universidade Federal do Piauí, mas também disponibilizá-los aos demais estudiosos acerca do assunto na plataforma de divulgação de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Outrossim, este estudo possui um caráter exploratório, uma vez que de acordo com Gil (2007), este tipo de pesquisa tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vista a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses. Consoante a isto, formulou-se novas hipóteses acerca das categorias discursivas da Análise do Discurso que reiteram as nuances do dito e do não dito presentes no discurso da personagem, isto no sentido de tornar mais familiar esta temática àqueles que denotam interesse pela área.

Em relação aos procedimentos de coleta de dados, a pesquisa se insere na classificação bibliográfica, haja vista que, de acordo com Fonseca (2002, p. 32),

sua realização se deu através do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de *websites*. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Existem, porém, pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta.

De modo semelhante, recorreu-se a bibliografia básica, que aborda as principais teorias da Análise do Discurso, sobretudo aquelas que dimensionam o discurso sob a relação de explicitude e implicitude. Uma vez realizado o estudo dessas teorias a partir de autores representativos para a Análise do Discurso, como Bakhtin (2000); Brait (2005); Brandão (2004); De Sá (2005); Pêcheux (1997) e Todorov (1981), apresentamos as estratégias discursivas das quais o narrador machadiano faz uso na intenção de velar as vozes heterogêneas que ecoam no discurso da personagem Helena.

4 ANÁLISE E RESULTADOS: MODOS E DIZERES DE HELENA NO JOGO NARRATIVO DO DITO E DO NÃO DITO

Logo no capítulo terceiro da obra, os modos iniciais de Helena já revelam o enigma que perpassa quase toda a narrativa, sendo manifestado em primeiro lugar pelos olhos, os quais, nas palavras do narrador já produzem indagações em Estácio: “Uma só cousa lhe pareceu menos aprazível ao irmão: eram os olhos, ou antes o olhar, cuja expressão de curiosidade sonsa e suspeitosa reserva foi o único senão que lhe achou, e não era pequeno.” (Assis, 2018, p. 64)

Demais, a alteridade entre o que é manifesto e o que não é manifesto sofre a influência dos personagens e dos espaços com os quais Helena interage, pois na sala de jantar, onde D. Úrsula não a conhece de todo, reveste-se de “misterioso encanto”, já no jardim, na companhia de Estácio, torna-se outra. Como é perceptível ao analisar os seguintes trechos a seguir:

— Oh! ainda não é minha tia! —interrompeu Helena. —Há de sê-lo quando me conhecer de todo. Por enquanto somos estranhas uma à outra; mas nenhuma de nós é má.

Essas palavras foram ditas em tom de graciosa submissão. A voz com que ela as proferiu, era clara, doce, melodiosa; melhor do que isso, tinha um misterioso encanto, a que a própria D. Úrsula não pôde resistir. (Assis, 2018, p. 65)

Fosse influência do lugar ou simples mobilidade de espírito, Helena tornou-se logo outra do que se revelara no gabinete do pai. Jovial, graciosa e travessa, perdera aquela gravidade quieta e senhora de si com que aparecera na sala de jantar; fez-se lépida e viva, como as andorinhas que antes, e ainda agora, esvoaçavam por meio das árvores e por cima da grama. A mudança causou certo espanto ao moço; mas ele a explicou de si para si, e em todo o caso não o impressionou mal. (Assis, 2018, p. 67)

[...] Helena mudou totalmente de ar e maneiras. Alguns segundos antes era sincera a melancolia que lhe ensombrava o rosto. Agora regressara à jovialidade de costume. **Dissera-se que a alma da moça era uma espécie de comediante que recebera da natureza ou da fortuna, ou talvez de ambas, um papel que a obrigava a mudar continuamente de vestuário.** D. Úrsula viu-a entrar risonha e ir a ela dar-lhe os costumados — *bons dias* —, que eram sempre um beijo — ou antes dous, — um na mão, outro na face. (Assis, 2018, p. 95-96, grifos meus)

Para explicar a discrepância entre um e outro modo assumido pela personagem, recorre-se ao princípio do Dialogismo de Bakhtin (1929), o qual se opõe a ideia postulada por Saussure de que a língua é um sistema monológico. Para Bakhtin e Voloshinov (1929, p. 109), “a verdadeira substância da língua[...] não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas[...] mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação e das enunciações.” Desse modo, o ser humano é essencialmente concebido mediante a relação que perpassa o eu e o outro, tornando-se indecifrável para além das relações que contemplam este outro. Nas palavras de Todorov (1981, p. 148), pressupõe-se, portanto, que

não tomo consciência de mim mesmo senão através dos outros, é deles que eu recebo as palavras, as formas, a tonalidade que formam a primeira imagem de mim mesmo. Só me torno consciente de mim mesmo, revelando-me para o outro, através do outro e com a ajuda do outro.

Nesse sentido, diante do outro, representado aqui pela figura de D. Úrsula, Helena faz-se submissa, ocultando e até anulando a sua personalidade, já na presença de Estácio, porta-se com fluidez, revelando seu espírito livre, anteriormente omissa durante o jantar com sua preceptora e no gabinete do seu falecido pai, já que estes ambientes e seus integrantes submetem Helena a convenções que lhes são inerentes.

3.1 Interdiscurso e Polifonia: categorias que elucidam a heterogeneidade discursiva

Ao se tratar da confluência entre o dito e o não dito em uma dimensão propriamente discursiva, a incógnita que permeia as falas de Helena começa a ser construída no episódio em que ela relata a Estácio o desejo de aprender a andar a cavalo, omitindo em seu pedido a excelência que já possuía para desempenhar tal atividade:

— Eu lhe explico — disse ela—; abri o livro, todo alastrado de riscos que não entendi. Ouvi porém um tropel de cavalos e cheguei à janela. Eram três cavaleiros, dous homens e uma senhora. Oh! Com que garbo montava a senhora! Imaginem uma moça de vinte e cinco anos, alta, esbelta, um busto de fada, apertado no corpinho de amazona, e a longa cauda do vestido caída a um lado. O cavalo era fogoso; mas a mão e o chicotinho da cavaleira quebravam-lhe os ímpetos. Tive pena, confesso, de não saber montar a cavalo... (Assis, 2018, p. 84-85)

A razão pela qual Helena é movida a dissimular sua habilidade para a equitação reside no discurso patriarcal assumido por Estácio, o qual define Helena sob a perspectiva da fragilidade feminina e Estácio, por sua vez, assume uma posição de superioridade em relação a ela, como seu irmão e protetor. Isto fica perceptível no trecho em que Helena justifica o motivo para tal ocultamento:

— Não me dirá você — perguntou ele— por que motivo, sabendo montar, pedia-me ontem lições?
— A razão é clara— disse ela —; foi uma simples travessura, um capricho... ou antes um cálculo.
— Um cálculo?
— Profundo, hediondo, diabólico — continuou a moça sorrindo. —Eu queria passear algumas vezes a cavalo; não era possível sair só, e nesse caso...
— Bastava pedir-me que a acompanhasse.
— Não bastava. Havia um meio de lhe dar mais gosto em sair comigo; era fingir que não sabia montar. A idéia momentânea de sua superioridade neste assunto era bastante para lhe inspirar uma dedicação decidida... (Assis, 2018, p. 88)

Nesta situação, há a utilização da estratégia da interdiscursividade para intercambiar o não dito por meio do dito, uma vez que conceito de interdiscurso conforme De Sá (2005) diz respeito à presença de discursos distintos, porém intercambiados, pois apesar de sua origem advir de diferentes momentos da história e lugares sociais, encontram-se entrelaçados no interior de uma mesma formação discursiva.

Como nos assegura Brandão (2004), a interdiscursividade corresponde à relação de um discurso com outros discursos e esta ocupa um lugar primordial no estudo do discurso, haja vista que numa prospecção em que o interdiscurso é tomado como objeto, apreende-se não uma formação discursiva, mas a interação existente entre formações discursivas distintas. Nesse sentido, ponderar a interdiscursividade como constitutiva de um discurso, é considerar também que todo discurso nasce da interface estabelecida com outros discursos, mesmo que de forma velada, como o fez o narrador machadiano, ao dispor no não dito o discurso de cunho patriarcal no qual somente o homem está apto ao desempenho de determinadas atividades, o que o coloca em posição eminente em relação à mulher. Logo, a atitude de revelar na formação discursiva assumida por Helena sobre o domínio que já possui para andar a cavalo, reduziria o interesse de Estácio em ensiná-la, daí a preferência pelo não dito reiterado nesta relação interdiscursiva afigurada pela formação ideológica imposta pelo patriarcalismo.

Ainda na cena do passeio a cavalo presente no capítulo VI, Helena avista uma casa com uma bandeira azul que vai representar o estopim para o estabelecimento de uma nova dissonância entre o dito e não dito:

— Não poderei falar à bandeira? — perguntou a moça. — Deixe-me ao menos dizer-lhe adeus.

Tinha já tirado da algibeira o seu fino lenço de cambraia; agitou-o na direção da casa. Quis o acaso que a bandeira, até então quieta, se movesse ao sopro de uma aragem que passou.

— Vê como ela me respondeu? Não se pode ser mais cortês! — exclamou Helena rindo.

Estácio riu também da lembrança da irmã, e ambos desceram, a passo lento, como haviam subido. Helena vinha taciturna e pensativa. Os olhos, cravados nas orelhas de *Moema*, não pareciam ver sequer o caminho que o animal seguia. Estácio, para arrancá-la ao silêncio, fez-lhe uma observação acerca de um incidente do caminho. Helena respondeu distraidamente.

— Que tem você? — perguntou ele.

— **Nada**, — disse ela —; ia. . . ia embebida naquela toada. Não ouve?

[...]A moça recolheu-se ao silêncio.

— Helena, isso que você acaba de dizer... Vamos, estamos sós; confesse alguma tristeza que tenha.

— **Nenhuma** — respondeu a moça. — Peço-lhe, entretanto, uma cousa.

— Diga.

— Peço-lhe que me comunique todas as más impressões que tiver a meu respeito. Explicarei umas, procurarei desvanecer-lhe outras, emendando-me. Sobretudo, peço-lhe que escreva em seu espírito esta verdade: é que sou uma pobre alma lançada num turbilhão. (Assis, 2018, p. 92-93, gifs meus)

Este “Nada” e “Nenhuma” enunciado por Helena possuem muitos não ditos atravessados e se relacionam com o questionamento, proposto por Authier-Revuz (1982), diante da concepção homogeneizadora da discursividade, pois em analogia à proposição

psicanalítica de que o sujeito é dividido entre consciente e inconsciente, tem-se como resultado a produção de uma fala que é demasiadamente heterogênea:

Entendendo o sujeito como um efeito de linguagem, a psicanálise busca suas formas de constituição não no interior de uma “fala homogênea”, mas na diversidade de uma “fala heterogênea que é consequência de um sujeito dividido”. Sujeito dividido entre o consciente e o inconsciente. (Brandão, 2004, p. 66)

Por esse caráter heterogêneo, o discurso se articula com seu avesso, na medida em que o sujeito discursivo concede vazão durante a sua fala ao reverso do que se pretende dizer. Logo, o discurso não pode ser reduzido à explicitude, isso porque é constantemente atravessado pelo seu avesso e este avesso é produto do inconsciente. Apoiando-se nas ideias de Clément (1973), não é um outro discurso traduzido, mas é o discurso do outro materializado explicitamente; é um mesmo discurso fazendo interface com o seu reverso.

Brandão (2004, p. 66) assegura que, “Para a psicanálise, o inconsciente é uma cadeia de significantes que se repete e insiste em interferir nas fissuras que lhe oferece o discurso efetivo.” Diante disto, deve-se atentar para o funcionamento subjacente do significante, junto à estrutura linguística, bem como para as nuances discursivas presentes em uma única cadeia verbal.

Assim, o “Nada” que Helena diz sentir, reflete, na realidade, o avesso do seu discurso, pois este “Nada” é fragmentado por não ditos relacionados a todos os sentimentos e vivências que àquela toada e a casa com a bandeira azul lhe fizeram rememorar, e por mais que ela tentasse preservá-los em seu inconsciente, eles subjazem no reverso do que a personagem pretende manifestar pelo dito, fazendo com que Estácio, o seu interlocutor, perceba na fisionomia da personagem algum sofrimento que ela carrega e não está disposta a compartilhar e por isso tenta esconder ao afirmar “Explicarei umas, procurarei desvanecer-lhe outras, emendando-me.” (Assis, 2018, p. 93)

De igual natureza, o “Nenhuma” proferido por Helena ao ser questionada acerca das tristezas que carrega faz alusão às confissões omitidas por Helena, diante das imposições que o interdiscurso do patriarcado lhe impõe, afirmando ela mesma ser uma imprudência para o contexto desvelar pelo dito, aquilo que o não dito busca omitir:

— Perdoe-me; a pergunta não tem nem podia ter outra resposta mais do que a simples recusa. Não lhe direi mais nada. Nunca se devem fazer meias confissões; mas, neste caso, a confissão inteira seria imprudência maior. Se se tratasse de fatos, creia que a ninguém melhor podia confiá-los do que a você; mas por que motivo irei perturbar-lhe o espírito com a narração de meus sentimentos, se eu própria não chego a entender-me? (Assis, 2018, p. 95)

Similarmente, para Brandão (2004), durante a constituição narrativa do dito e do não dito, está o conceito de polifonia, elaborado inicialmente por Bakhtin, o qual se refere ao fato de que todo discurso está tecido de forma implicada pelo discurso do outro e toda fala está atravessada pela fala do outro. Como se pode atestar etimologicamente, na composição da palavra polifonia se tem *poli* = muitos, ao lado de *fonia* = vozes. Uma cena da narrativa na qual Helena se reveste de omissões, sob a influência das muitas vozes que integram o cenário discursivo de que participa, ocorre durante uma conversa travada entre ela e o Dr. Camargo:

— Pelo contrário! — exclamou ela. — Pode falar com franqueza; diga tudo. Era minha mãe. Não sei o que foi para o mundo; mas, se me perdoaram a irregularidade do nascimento, não creio que me pedissem em troca a renúncia do meu amor de filha; a lei que o pôs em meu coração é anterior à lei dos homens. Não repudio uma só das minhas recordações de outro tempo. Sei e sinto que a sociedade tem leis e regras dignas de respeito; aceito-as tais quais; mas deixem-me ao menos o direito de amar o que morreu. Minha pobre mãe! [...] A última palavra saiu-lhe como um soluço. Camargo sentiu-se surpreendido com aquela explosão de ternura. Era evidente que ele esperava outra cousa. Seguiu-se um breve silêncio, durante o qual Helena mordida a ponta do lenço, como para conter a palavra que lhe tumultuava no coração. (Assis, 2018, p. 134-135)

Como a própria protagonista atesta, ela está à mercê da influência polifônica das vozes que regem seu coração e, concomitantemente, estão as vozes que regem as leis sociais e quando estas convencionalmente se sobressaem em relação àquelas, o que se tem, por conseguinte, é a produção de um silenciamento, como fora observado na cena.

Nesse viés, Brandão (2004, p. 64) afirma que, “Para Bakhtin, a dialogização do discurso tem uma dupla orientação: uma voltada para os “outros discursos” como processos constitutivos do discurso, outra voltada para o outro da interlocução — o destinatário [...]” Assim sendo, Bakhtin (1978, p. 100) preconiza que:

Um enunciado vivo, significativamente surgido em um momento histórico e em um meio social determinados, não pode deixar de tocar em milhares de fios dialógicos vivos, tecidos pela consciência socioideológica em torno do objeto de tal enunciado e de participar ativamente do diálogo social. De resto, é dele que o enunciado saiu: ele é como sua continuação, sua réplica...

Ao se referir a estes “fios dialógico vivos”, Bakhtin (1978) faz alusão aos outros discursos ou discursos do outro que integram constitutivamente o interior de todo e qualquer discurso. Como consequência, indiscutivelmente o discurso é costurado polifonicamente, em um jogo de vozes que se apresentam ora complementares, ora concorrentes. Com base nesse conceito, o discurso de Helena está imbricado com as vozes do seu passado, as quais ela tenta

dissimular através do não dito, bem como há a incidência das postulações sociais que atuam como vozes sobre seu discurso, afirmando a todo tempo os modos e dizeres que devem/podem ser manifestados.

Diante de tal condição, Bakhtin (1929) determina que a palavra, e nesse caso o discurso, resulta da relação recíproca entre falante e ouvinte, emissor e receptor. A forma verbal enunciada é formulada a partir da perspectiva ideológica da comunidade da qual faço parte e por conseguinte, cada palavra expressa um “um” em relação ao outro com quem interajo. O meu Eu se constrói constituindo o Eu do Outro e concomitantemente é por ele constituído.

Durante a interação com Dr. Camargo, a fala de Helena é duplamente carregada: tanto pelas marcas do seu passado obscuro que atravessa o seu coração, a sua alma e por vezes o seu discurso e que ela sabe que o seu interlocutor tem total conhecimento, tanto pelas leis e determinações socioideológicas da sociedade patriarcal que Helena integra, representadas neste diálogo por este mesmo interlocutor, sob a forma de ameaça diante de uma possível revelação que ele pode fazer caso Helena não aja em favor dos seus interesses:

— Dizia que muito se devia esperar da dedicação de uma moça, que acha meio de visitar às seis horas da manhã uma casa velha e pobre, não tão pobre que a não adorne garridamente uma flâmula azul...

Helena fez-se lívida; apertou nervosamente o pulso de Camargo. Nos olhos pareciam falar-lhe ao mesmo tempo o terror, a cólera e a vergonha. Através dos dentes cerrados Helena gemeu esta palavra única:

— **Cale-se!**

— Falo entre nós e Deus — disse Camargo.

Uma onda de sangue invadiu a face da moça, com a mesma rapidez com que ela lhe empalidecera. Helena quis erguer-se, mas sentiu-se exausta. Ninguém da sala pôde perceber a impressão e o movimento; ninguém olhava para ali. Camargo, entretanto, inclinou-se para Helena e proferiu algumas palavras de animação, que ela interrompeu, murmurando com amargura:

— **O senhor é cruel!**

— Sou pai — respondeu o médico—; pai extremoso e discreto, mais discreto ainda que extremoso. Conto com a senhora. (Assis, 2018, p.138-139, grifos meus)

Ao pedir que Camargo se cale, Helena intenciona produzir um silenciamento, conservando, mediante o não dito, as vozes do passado que incidem sobre ela por meio da chantagem exercida por Camargo, uma vez que ele tem consciência da submissão que Helena tem que prestar às convenções da sociedade oitocentista. Outrossim, quando a protagonista afirma a crueldade de Camargo, ela se refere não só a ele, mas ao papel dos homens da narrativa, — Estácio, o Conselheiro Vale, seu pai biológico, o padre Melchior — que de uma forma ou de outra se valem do poder patriarcal que exercem sobre as mulheres para reduzi-las aos seus

próprios interesses e necessidades, tornando-se, dessa forma, cruéis e implacáveis quanto à existência própria da figura feminina.

Ainda no tocante à relação entre o que é manifesto e não é no interior do discurso da protagonista, há a ocorrência do episódio de escrita de uma carta, onde, como de costume, oscila na materialidade do dito e muitos não ditos, mas agora sob o efeito da alternância entre os desejos do consciente e do inconsciente:

Quando a tormenta pareceu extinta, a moça sentou-se na cama e olhou vagamente em torno de si. Depois ergueu-se; dirigiu-se trôpega ao quarto de vestir; ali parou diante do espelho, mas fugiu logo, **como se lhe pesasse encarar consigo mesma**. Uma das janelas estava aberta; Helena foi ali aspirar um pouco do ar da noite. Esta era clara, tranqüila e quente. As estrelas tinham uma cintilação viva que as fazia parecer alegres. Helena enfiou um olhar por entre elas como procurando o caminho da felicidade. Esteve à janela cerca de meia hora; depois entrou, sentou-se e escreveu uma carta.

A carta era longa, escrita a golfadas, sem nexos nem ordem; continha muitas queixas e imprecações, ternura expansiva de mistura com um desespero profundo; falava daqueles que, tendo nascido sob a influência de má estrela, só tem felicidades intermitentes e mutáveis; dizia que para ela a própria felicidade era um gérmen de morte e dissolução — ideia que repetia três vezes, como se tal observação fosse o transunto de suas experiências certas. A carta falava também de um homem, cujo egoísmo de pai não conhecia limites, e que a todo o transe queria que a filha desposasse uma grande riqueza e uma grande posição, — “homem”, dizia ela, “que me viu a princípio com olhos avessos, pela diminuição que eu trazia à herança”. **No fim dizia que havia naquelas linhas muito de obscuro e incompleto, que oportunamente contaria tudo, mas que desde já podia dar a triste notícia de que lhe era forçoso abster-se de sair.**

Helena releu o escrito e meditou longo tempo sobre ele; acrescentou ainda algumas linhas; depois, **rasgou o papel em dois pedaços, chegou-os à vela, e os destruiu.**

Como arrependida, voltou a escrever outra carta, mas não chegou a acabar seis linhas; rasgou-a como fizera à primeira [...] (Assis, 2018, p. 141-142, grifos meus)

Durante a escrita da carta, Helena está tomada de um impasse existente entre seu inconsciente ou de fatos que ela tenta guardar na dimensão inconsciente do seu ser e a consciência que possui sobre sua real identidade. Por isso, sentindo sua existência invandida por outrem (Dr. Camargo), escreve uma carta destinada a seus preceptores, a qual é entremeada por incompletudes, oriundas do não dito e/ou de ocorrências resguardadas em seu inconsciente. Contudo, Helena rasga e até queima a carta, numa nova tentativa destruir por completo o não dito que insiste em ser manifestado por outros ou mesmo pelos lapsos de consciência que atingem Helena.

Para justificar a linha tênue existente entre dito e não dito e consciente e inconsciente, que rege os modos, atitudes e dizeres da personagem, é importante trazer para a discussão a

“teoria do descentramento” do sujeito discursivo, proposta por Authier-Revuz (1982, p. 136), a qual determina que “o sujeito não é uma entidade homogênea, exterior a língua, que lhe serviria para ‘traduzir’ em palavras um sentido do qual seria a fonte consciente.”

A partir dessa teoria, o sujeito é caracterizado como dividido, clivado, cindido, isto é, não é uma entidade homogênea, mas uma estrutura complexa, mediante a sua relação com o outro e também por meio da interação e interferência que seu inconsciente exerce. É o inconsciente que representa a linguagem do desejo censurado, provocando essa cisão do eu.

Nesse viés, formula-se, pois, a constatação do descentramento do sujeito. Isto a partir da descoberta de Freud a respeito da existência do inconsciente, sob a qual o eu consciente perde a sua centralidade. Como assegura Authier-Revuz (1982, p. 136) a ideia de sujeito como senhor de si é mera armadilha da ilusão:

A prática do descentramento na teoria freudiana mostra que o centro é um “golpe montado” pelo sujeito, do qual as ciências do homem fazem seu objeto ignorando que ele é imaginário [...]. Descentrar é praticar o lapsos e o trocadilho, reconhecer o lugar do golpe montado, sem, no entanto, pretender aboli-lo.

Assim sendo, a noção de centralidade para o sujeito não existe fora de sua ilusão e fantasia. Esta ilusão, a qual Freud define como “função do desconhecimento do eu”, é indiscutivelmente necessária e inerente à normalidade da disposição do comportamento humano. Em resumo, é própria da constituição do sujeito esta função que o eu, por meio de sua dimensão consciente, assume de manter a ilusão de centralidade.

Contudo, Authier-Revuz (1982) argumenta acerca da necessidade de se conhecer esta realidade ilusória: “não tomar os enganos construídos pelo sujeito pela realidade que mascaram; como também não ignorar estes enganos como ilusórios desconhecendo seu caráter real.” (Authier-Revuz, 1982, p. 139).

Neste episódio da carta, o narrador machadiano infere ao seu leitor, que o discurso e os comportamentos de Helena estão à mercê da cisão entre os desejos e revelações censurados pelo inconsciente e as fissuras que o consciente estrategicamente lhe oferece e, a um só tempo, são arrebatadas diante da realidade que a consciência necessita mascarar.

Uma outra realidade que Helena dissimula no não dito é o amor supostamente incestuoso que nutre por seu irmão Estácio, acerca do qual relata ao próprio Estácio de maneira vaga:

— Naturalmente a pensar de cousas amorosas... — acrescentou Estácio cravando os olhos interrogadores na irmã.
Helena não respondeu; tomou-lhe o braço e os dois seguiram silenciosamente uns dez minutos. Chegando a um banco de madeira, Estácio

sentou-se; Helena ficou de pé diante dele. Olharam um para outro sem proferir palavra; mas o lábio de Estácio tremera duas ou três vezes como hesitando no que ia dizer. Por fim, o moço venceu-se.

— Helena — disse ele —, você ama.

A moça estremeceu e corou vivamente; olhou em volta de si, como assustada, e pousou as mãos nos ombros de Estácio. Refletiu ela no que disse depois? É duvidoso; mas a voz, que nessa ocasião parecia concentrar todas as melodias da palavra humana, suspirou lentamente:

— Muito! Muito! Muito!

Estácio empalideceu. A moça recuou um passo, e, trêmula, pôs o dedo na boca, como a impor-lhe silêncio. A vergonha flamejava no rosto; Helena voltou as costas ao irmão e afastou-se rapidamente. (Assis, 2018, p. 119-120)

Ao ser interrogada pelo irmão acerca dos seus sentimentos, uma vez que não dimensiona de forma consciente a resposta que concederá à pergunta, manifesta através do seu discurso possuir um amor intenso, mas logo retorna a si e impõe um silenciamento a Estácio e por conseguinte, a si mesma.

Em relação a essa estratégia, Koch (2022, p. 59) afirma que “[...] todo texto é um objeto heterogêneo, que revela uma relação radical do seu interior com seu exterior; e, desse exterior, evidentemente, fazem parte outros textos que lhe dão origem, que o prederminam, com os quais dialoga, que retoma, que alude, ou a que se opõe.”

Destarte, depreende-se que o narrador machadiano fazendo uso das diversas estratégias discursivas aqui analisadas, constitui heterogeneamente o discurso da personagem, a qual interiormente é afetada por omissões e sentimentos, que ora ganham vazão perante o contato direto com o objeto que gera tal sentimento — no caso, Estácio, visto que Helena sabe que ele não é o seu irmão biológico ao ponto de sentir por ele o amor de uma mulher para um homem — e ora são negligenciados nas entrelinhas do não dito, cabendo ao leitor localizá-los, como bem sugeriu Umberto Eco (1988), ao ser o primeiro teórico a constatar que a incompletude textual se deve, sobretudo, ao fato de que o texto é entremeado pelo não dito, isto é, há na superfície ou no dito, espaços em branco, de interstícios que devem ser preenchidos pelo papel ativo do leitor, pois na definição do autor, o texto é uma máquina preguiçosa que só entra em movimento mediante a ação do leitor de locomover as suas engrenagens.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste estudo descritivo-interpretativo objetivamos de modo geral analisar e descrever as estratégias discursivas da Análise do Discurso, utilizadas pelo narrador com a intenção de omitir as vozes heterogêneas refletidas no discurso da personagem *Helena*, protagonista do romance de mesmo nome, o qual foi produzido na fase romântica da obra de

Machado de Assis. Através desta análise, foi possível identificar em contemplação ao discurso da personagem, o movimento narrativo operado entre aquilo que é discursivamente dito e aquilo que é preservado na dimensão do não dito, em consideração entre outras coisas às convenções da sociedade oitocentista patriarcal sob a qual Helena, representando as figuras femininas da época, vê-se subjugada.

Durante a investigação promovida nesta pesquisa, inicialmente estabelecemos um diálogo entre a Literatura e Análise do Discurso. Para tanto, elaborou-se um percurso histórico quanto à natureza de análise e compreensão do objeto literário, indo do momento em que este ficava circunscrito ao seu caráter imanente até o período em que, em consideração às proposições de Bakhtin (2000), o objeto literário é entendido também sob as condições histórico-culturais que o compõem, sendo possível, pois, depreendê-lo em interface com os conceitos da AD, como concebido neste estudo. Por conseguinte, uma vez estabelecido um diálogo possível entre AD e Literatura, realizamos a caracterização das principais categorias da Análise do Discurso, as quais corroboram a nuance entre o dito e o não dito, que foi analisada no discurso produzido pela protagonista Helena.

Isto posto, elucidou-se as definições da AD de Formação Discursiva e Formação Ideológica, as quais influenciam naquilo que o narrador deixa explícita e linguisticamente manifestado no discurso da personagem e determinam também, e especialmente, o que deve ser conservado no âmago do não dito, considerando-se o que é ideológica e discursivamente adequado para a época e posição social que Helena ocupa na narrativa. Ademais, discorreremos sobre o paradigma ideológico da sociedade patriarcal oitocentista, o qual condiciona a construção discursiva da personagem durante a narrativa, conforme apontado em nossa pesquisa.

A análise e discussão reconhece as vozes heterogêneas que ecoam do discurso de Helena, por meio dos conceitos de Dialogismo, Interdiscurso e Polifonia. Depreendeu-se, portanto, que foram utilizados como estratégias discursivas recrutadas pelo narrador durante a construção narrativa que oscila o dito e o não dito, ambos analisados não só nas falas/discursos de Helena, mas também nas condutas e atitudes, de modo que o conjunto elucide a dimensão polifônica e dialógica que constitui a construção da personagem.

Conclui-se, pois, a imprescindibilidade não só da natureza linguística do discurso, mas também, e sobretudo, das condições sociais, históricas e ideológicas que o determinam. Destarte, atesta-se, através desta pesquisa, que o discurso da protagonista Helena e seu consequente sentido estão construídos sob o pilar do dito, que diz respeito ao conteúdo explicitamente comunicado aos leitores, bem como sob o não dito, referente às implicitudes que fazem ecoar

uma diversidade de vozes e perspectivas sustentadas nas determinações sociais e ideológicas daquele período.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Machado de. **Helena**. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 1ª ed, 2018.

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. **Hétérogénéité montrée et hétérogénéité constitutive: éléments pour une approche d l'outre dans le discours**. In: DRLAV. Paris: Centre de Recherches de l'Université de Paris III, 1982.

BAKHTIN, M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. Trad. bras. São Paulo: Hucitec, 2ª ed, 1981. (original russo: 1929)

BAKHTIN, M. “**Du discours romanesque**”, in **Esthétique et théorie du roman**. Paris: Gallimard, 1978.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BAKHTIN, M. **Os gêneros do discurso**. São Paulo: Ed. 34, 2016.

BRAIT, Bakhtin e a natureza constitutivamente dialógica da linguagem. In: BRAIT, Beth (Org.). **Bakhtin: dialogismo e a construção do sentido**. 2ª edição. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2005.

BRANDÃO, Helena Hathusc Nagamine. **Introdução à Análise do Discurso**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2004.

COELHO, Wanessa de Oliveira; QUEIROZ, Juliana Maia de. **A configuração da personagem feminina em a ‘A Rainha do Ignoto’**, de Emília Freitas, e em ‘El Pais da las mujeres’, de Gioconda Belli. Jangada: crítica| literatura| artes, v. 1, n. 14. p.144-155, 2019.

CLÉMENT, C. **Le pouvoir des mots**. Paris: Mame, 1973.

DE SÁ, Cleudemar Alves Fernandes Israel. **Análise do Discurso: Reflexões Introdutórias**. Campinas, SP: Pontes, 2005.

ECO, Umberto. **Lector in fabula**. São Paulo: Perspectiva, 1988.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. Trad. de Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.
GAMA-KHALI, Marisa Martins. Análise do Discurso e Literatura: Diálogos Plausíveis. **Revista de Letras e Artes** – jan-jun, 2022- ISSN:2318-713-vol. 22, nº 1.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GREGOLIN, M. do R. **Olhares oblíquos: sobre o sentido no discurso**. In: _____; BARONAS, R. (Org.). *Análise do Discurso: as materialidades do sentido*. São Claraluz, 2003, p. 7-16.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

ISER, W. **O ato de leitura**: uma teoria do efeito estático. São Paulo: Ed. 34, 1996, v.1.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso** – uma Crítica à Afirmação do Óbvio Trad. de Eni Pulcinelli Orlandi et al. Campinas: EDUNICAMP, 1997.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **O texto e a construção dos sentidos**. 10.ed. São Paulo: Contexto, 2022.

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2001.

ORLANDI, Eni. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. Campinas, SP: Pontes, 2015.

SANTOS, Simone Ganm Assmar. O corpo feminino visto pelo olhar do dito e do “não dito”. **História, Corpo e Saúde**, n. 7, jul/dez. pp. 283-310, 2011.

SILVA, Ana Carolina Martins de; SANTANA, Wilder Kleber Fernandes de; MELO, Weslei Chaleghi de. Marcas linguístico-discursivas de patriarcalismo em Helena, de Machado de Assis: um estudo dialógico. **Discursividades**. Vol. 11, n. 2, e-1122206, jul-dez. 2022.

TODOROV, T. Mikhail Bakhtine. **Le principe dialogique**. Paris: Seuil, 1981.

VOLOCHÍNOV (1929). **Marxismo e filosofia da linguagem**. Trad. M. Lahud e Y. F. Vieira. São Paulo: HUCITEC, 1979.



**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAÇÃO ELETRÔNICA
DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO NA BASE DE DADOS DA
BIBLIOTECA**

1. Identificação do material bibliográfico:

[] Monografia [X] TCC Artigo

Outro: _____

2. Identificação do Trabalho Científico:

Curso de Graduação: Letras- Língua Portuguesa e Literatura de Língua Portuguesa

Centro: Universidade Federal do Piauí (UFPI), Campus Senador Helvídio Nunes de Barros (CSHNB).

Autor(a): Luma Maria Rocha Ramos

E-mail (opcional): lumamaria1820@gmail.com

Orientador (a): Profa. Dra. Ludmila Santos Andrade

Instituição: UFPI

Membro da banca: Prof. Dr. Luiz Egito de Souza Barros

Instituição: UFPI

Membro da banca: Prof. Me. Francisco Carlos Vieira Moura de Araújo

Instituição: UFPI

Membro da banca: _____

Instituição: _____

Titulação obtida: Aprovada com média geral 10,0 (dez).

Data da defesa: 16/01/2025.

Título do trabalho: “Entre o dito e o não dito: uma análise discursiva e literária da personagem Helena de Machado de Assis.”

Informações de acesso ao documento no formato eletrônico:

Liberação para publicação:

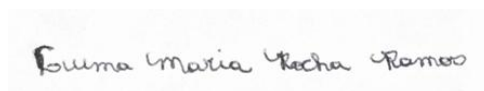
Total: [X]

Parcial: []. Em caso de publicação parcial especifique a(s) parte(s) ou o(s) capítulos(s) a serem publicados: _____

TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Considerando a portaria nº 360, de 18 de maio de 2022 que dispõe em seu Art. 1º sobre a conversão do acervo acadêmico das instituições de educação superior - IES, pertencentes ao sistema federal de ensino, para o meio digital, autorizo a Universidade Federal do Piauí - UFPI, a disponibilizar gratuitamente sem ressarcimento dos direitos autorais, o texto integral ou parcial da publicação supracitada, de minha autoria, em meio eletrônico, na base dados da biblioteca, no formato especificado* para fins de leitura, impressão e/ou *download* pela *internet*, a título de divulgação da produção científica gerada pela UFPI a partir desta data.

Local: Picos, PI Data 07/07/2025



Assinatura do(a) autor(a): _____

* **Texto** (PDF); **imagem** (JPG ou GIF); **som** (WAV, MPEG, MP3); **Vídeo** (AVI, QT).